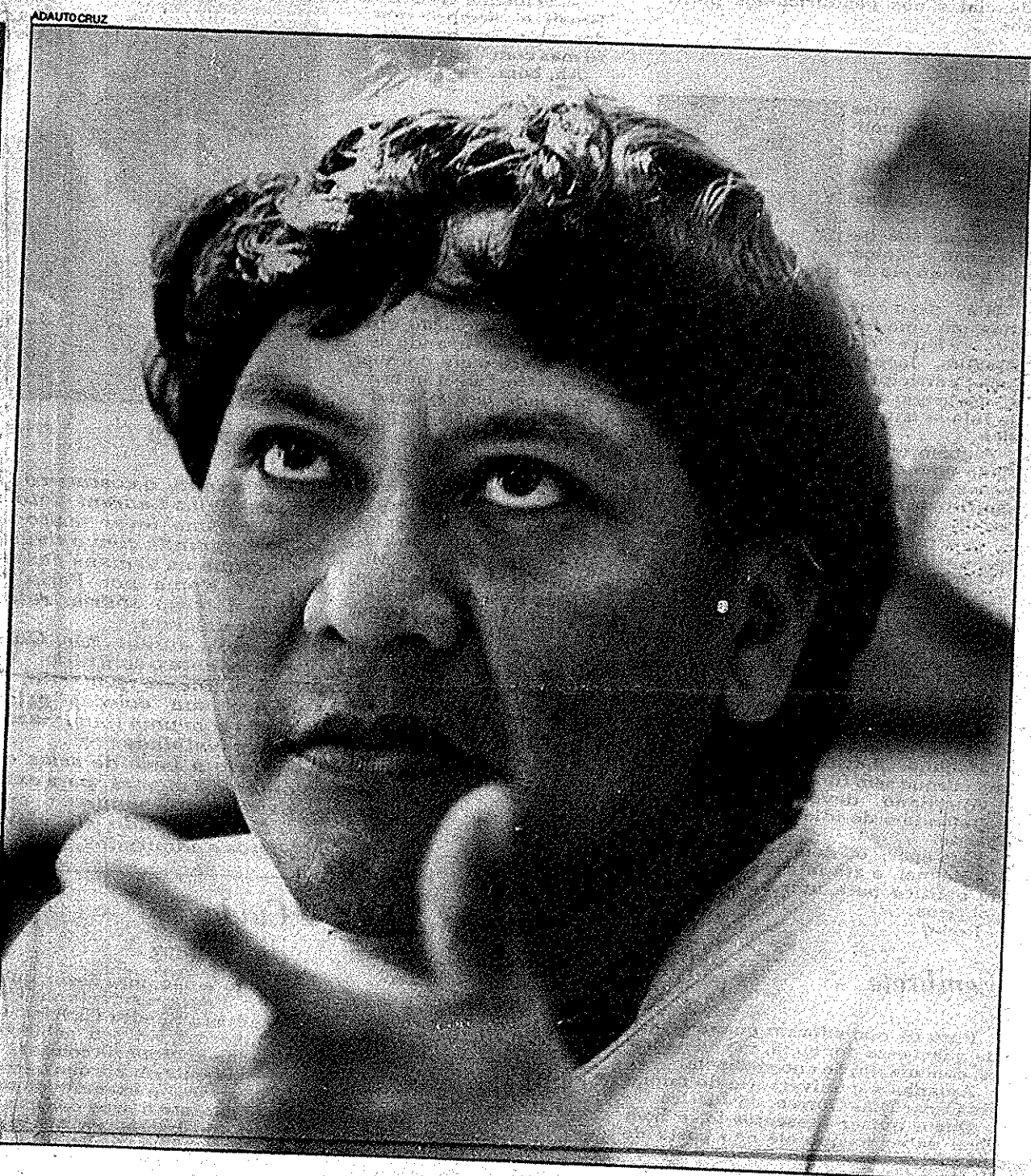
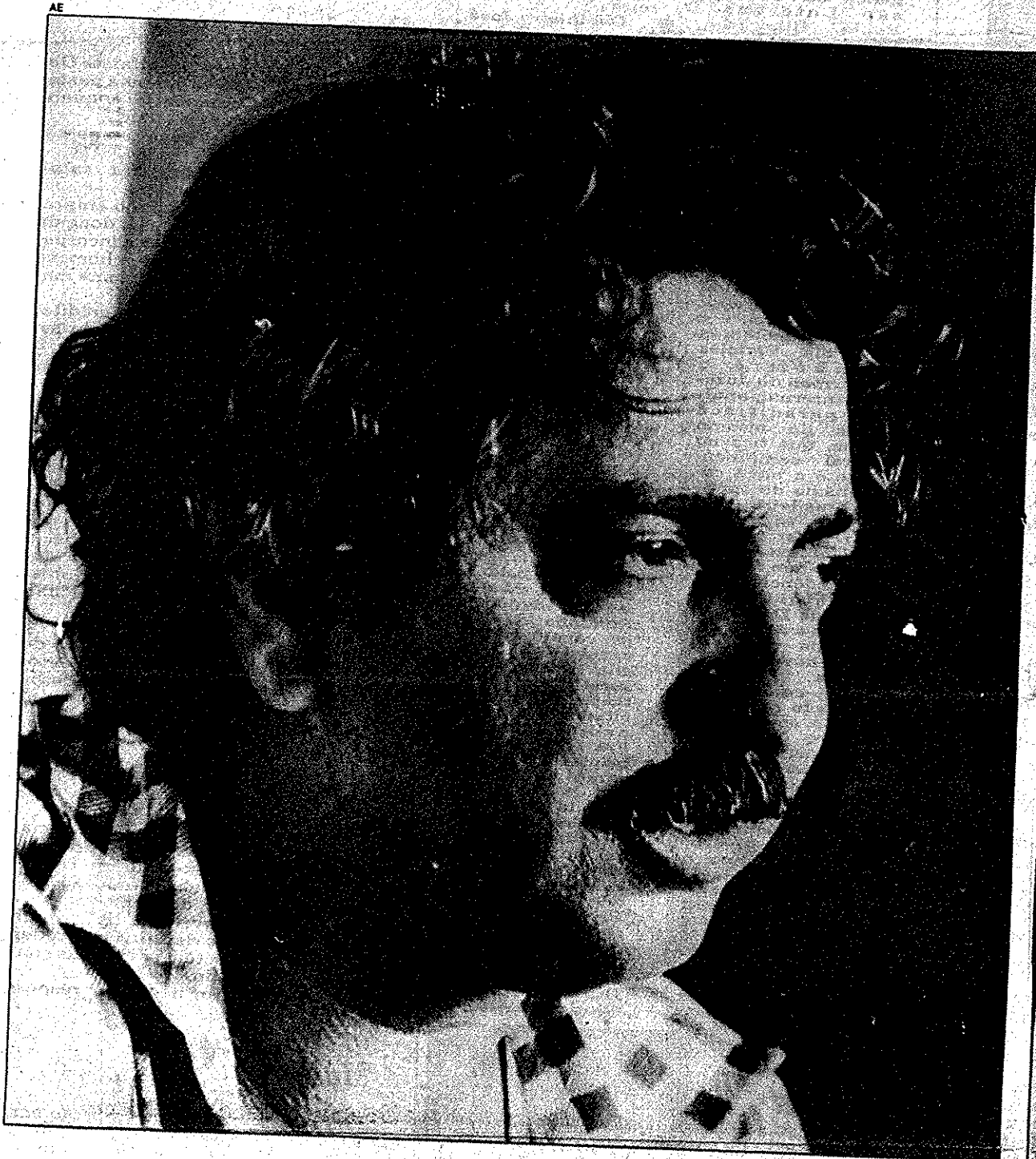


## Rei morto

Chico Mendes era líder sindical, seringueiro e um dos agraciados em 87 com o prêmio Global 500 da ONU. Dia 22 de dezembro foi assassinado em Xapuri, Acre

## Rei posto

David Kopenawa é um líder Yanomami escolhido pela ONU para receber o Global 500 de 88. Como Chico Mendes, defende a natureza e luta contra o garimpo devastador



## Davi Kopenawa, um índio contra os chiqueiros

O índio Yanomami David Kopenawa recebe hoje, em Brasília o Prêmio Global 500 do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Kopenawa luta, há anos, pela demarcação das terras Yanomami e contra as aldeias isoladas criadas pela Funai

Cláudio Ferreira

Pelo menos 40 mil garimpeiros são responsáveis pela escolha de Davi Kopenawa Yanomami como um dos contemplados com o Prêmio Global 500. O líder Yanomami, ameaçado de morte como seu irmão branco Chico Mendes — cujo assassinato foi concretizado em dezembro — recebe hoje às 10h a homenagem da Organização das Nações Unidas pela luta em torno da preservação da área do seu povo. São mais de oito milhões de hectares que foram divididos descontinuamente — agora, os índios lutam para tirar da mira das bateias 19 "ilhas", que correspondem a pouco mais de um terço do total.

Davi Kopenawa sucede Chico Mendes na premiação e é o único brasileiro entre as 94 personalidades mundiais escolhidas. Ele conheceu o líder sindical e ecologista há dois anos, mas nunca mantiveram muito contato. Agora, um prêmio os une — além, é claro, da luta pelo meio ambiente, e mais ainda, pela vida. As ameaças ao líder Yanomami são constantes. Ele é a voz que reage contra a invasão discriminada que nem o governo consegue aplacar. Mas não tem medo de morrer.

Essa coragem faz com que o prêmio Global 500 não seja apenas um troféu a ser guardado ou pendurado na parede. Antes disso, é um estímulo para continuar a luta e enfrentar o perigo da morte. Estímulo grande para quem foi "descoberto" pelo mundo após um Globo Repórter. Pelo menos esta é a opinião de Davi, que já recebeu visitas internacionais, em seu território e tem a solidariedade de muitos países. Como Chico Mendes, sua fama é maior no exterior do que em seu próprio país.

Repercussão — A causa dos Yanomami já ganhou mundo. Logo depois da Constituição, a Funai decidiu acelerar a demarcação da área. Pensavam os índios que os mais de 8 milhões de hectares — equivalentes aos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro juntos — seriam finalmente protegidos. Mas o governo brasileiro decidiu se-

guir à risca a Constituição. O artigo 231 estabelece que eram dos índios as terras já tradicionalmente ocupadas. E demarcaram-se as 19 áreas ou "aldeias", às vezes a quilômetros de distância umas das outras.

Para os índios, a decisão foi inconsequente. A separação das várias áreas não levou em conta os hábitos da população de mais de 10 mil pessoas. O espaço entre as aldeias, oficializado como Floresta Nacional de Roraima e Floresta Nacional do Amazonas, além do Parque Nacional do Pico da Neblina, é utilizado frequentemente para a interação dos diversos grupos. O movimento é constante, mas não foi levado em conta. Davi Kopenawa acha que o governo teme que os Yanomami formem um outro país. Por isso, optou por não demarcar a grande área continua.

A demarcação das ilhas deve ser concluída em 30 dias. Mas esta setorização, segundo os índios, dificulta a proteção do patrimônio. A Funai diz que já tentou interditar pistas de pouso e impedir o envio de alimentos aos garimpeiros. Não adianta. Eles chegam à região como um exército de formigas e resvalam por entre os dedos do governo e dos Yanomami. Ninguém sabe quantos são ao certo, mas há uma estimativa que aponta 40 mil pessoas.

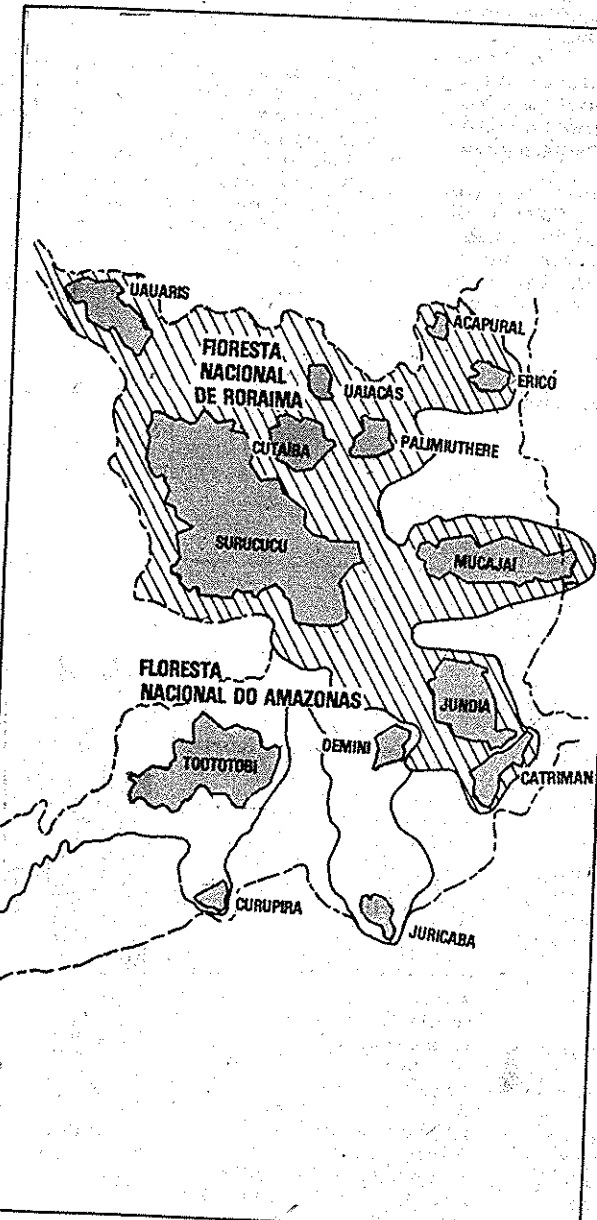
Ameaças — É contra este contingente que Davi Yanomami luta há 10 anos. E é por isso que ele é um dos nomes da lista negra dos latifundiários. As 19 ilhas, ele chama de "chiqueiros". Reclama também da atuação do governador de Roraima, Romero Jucá, que enquanto estava na Funai prometeu expulsar os garimpeiros da área. Além da sua vida, Davi quer preservar a de muitos índios mortos diariamente, às vezes, sem que se saiba. Recentemente, foram alguns Surucucu. Os números da matança ele desconhece.

E não é mero protecionismo esta questão de demarcar a terra toda. Desde 1986 os Yanomami assistem à invasão de suas terras. Davi Kopenawa diz que os caçadores de ouro deixam doenças para os índios, já que não fazem instalações sanitárias nos acampamentos. Eles também estragaram o rio e o igarapé por conta do mercúrio utilizado nas batéias. Eles derrubam as matas para devastar as riquezas minerais, que os próprios donos da terra não se importam de explorar.

As consequências são também sociais. Nesta ocupação, é lógico que há uma certa interação entre o índio e o homem branco. O prêmio da ONU revela, envergado, que alguns dos seus irmãos chegam a trabalhar de graça, em troca de um pouco de comida dos garimpeiros. Ou então compram a preço de banana — literalmente, utilizando a fruta como moeda corrente — as novidades que o homem branco traz.

Advogados — Toda esta situação já foi alvo de intensos protestos e isso colaborou para que o nome de Davi Kopenawa Yanomami se firmasse no cenário mundial. Em suas andanças por Brasília, ele só conseguiu promessas. O apoio da União das Nações Indígenas foi fundamental para o trabalho que continua depois deste reconhecimento internacional. A primeira providência é levar adiante a conscientização da população Yanomami para a defesa da região — sem usar as mesmas armas, ou seja, as armas.

Os índios estão se armando de outras ma-



CHIQUEIROS

As aldeias isoladas na terra Yanomami

## Global 500: aos heróis da vida

Até 1991, a preocupação com o meio ambiente deverá premiar 500 pessoas em todo o mundo. O Global 500, criação da ONU através do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente agraciou este ano 94 personalidades em 59 países. Não importa se são lutadores famosos da conservação da natureza ou camponeses desconhecidos. O objetivo é um só — valorizar o trabalho das pessoas em 18 áreas distintas.

O campo de ação inclui vertentes como energia, engenharia genética, legislação e controle de solos-desertificação. Os critérios para a nomeação dos candidatos — as inscrições são sempre numerosas — partem, por exemplo, do fato de a pessoa ter resolvido um problema específico ou contribuído para o avanço da causa ambiental integrado ao desenvolvimento. A difusão pública destes assuntos, a mobilização e o tratamento intelectual da questão ambientalista também contam pontos para o Global 500.

De 45 candidatos da América Latina e Caribe, nove irão levar o prêmio que está sendo entregue hoje a Davi Yanomami. No ano passado, o sindicalista Chico Mendes estava entre os agraciados por seu trabalho na criação de reservas extrativas na região amazônica. Este ano, o líder Yanomami é o representante brasileiro.

A intenção do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente é procurar cada vez mais estes casos, às vezes isolados, de pessoas que lutam contra a devastação do meio ambiente. A sede do organismo em Nairobi, Quênia, recebe anualmente as inscrições dos candidatos — mas ninguém pode se autocandidatar. Muitas entidades também concorrem ao prêmio e os vencedores se tornam verdadeiros aliados do programa na luta comum da preservação do Planeta. (C.F.).

## Premiado abatido a tiros na selva

O último brasileiro vencedor do Global 500 da Organização das Nações Unidas, antes do índio Davi Kopenawa, foi o líder sindical e seringueiro Chico Mendes. Ele foi morto na noite de 22 de dezembro do ano passado com um tiro de escopeta. A bala calibre 12 disparada à queima roupa, fez sessenta buracos no corpo de Chico Mendes que vivia em Xapuri a 180 quilômetros de Rio Branco, capital do Acre.

Chico Mendes tinha 44 anos, era casado e pai de dois filhos. Era uma espécie de ecologista de plantão em defesa da floresta amazônica. Por causa do crime está preso o fazendeiro Darli Alves da Silva contra quem Chico Mendes movia um processo por tentativa de derrubada de um seringueiro.

A entrega do Prêmio Global 500 a Davi Kopenawa Yanomami será às 10 horas na sede do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Setor Comercial Norte, quadra 2, lote B.